

FIESP dispensa novo programa

por Antonio Gutierrez

de São Paulo

Não há necessidade de um novo plano econômico. Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, antes deve-se esperar o efeito do "remédio amargo" — reajuste de preços em apenas 80% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) — receitado pelo ministro da Fazenda, Luis Carlos Bresser Pereira.

O empresário observou que em alguns setores já está começando a sobrar mercadorias. "É o princípio de uma redução de preços", observou. A escalada inflacionária "é preocupante", admitiu Amato. Nessa questão, ele voltou a ressaltar que as medidas adotadas por Bresser ainda não surtiram efeito.

A exportação é o caminho diante da atual queda da demanda interna e de todos os problemas de nossa economia, disse Amato. Para que essa opção atinja pleno êxito, ele acha que é necessário resolver a questão da dívida externa. Para isso, não vê inconvenientes diante da possibilidade de uma aproximação do Fundo Monetário Internacional (FMI). "Esta é a postura que o Bresser está assumindo", disse.

Para Amato, o ministro da Fazenda deve saber que "ser empresário não é fácil", daí a disposição em dialogar com o FMI. "Não devemos ter medo do FMI", afirmou. A posição do Brasil como oitava economia do mundo e grande exportador é, para o empresário, subsídio suficiente para enfrentar o FMI "de igual para igual". "Dizer não vi e não gostei não pode ser. Temos que dar garantia de nossa independência e não capitular", justificou.

Apesar de considerar correta a postura de Bresser, "até o momento", Amato criticou a excessiva burocracia na área de exportação. Segundo ele, o governo "já está cansado de saber" como desburocratizar este setor da economia. "Já enviamos mil relatórios sobre isso, basta que o governo adote um deles", afirmou.

A "maquiagem" nas contas externas em favor do Brasil, subestimando-se as importações, chegando a um saldo comercial superior ao real, é encarada por Amato como uma atitude patriótica. "Se Funaro fez isso, agiu corretamente. Foi graças a isso que o País conseguiu fechar o acordo com o Clube de Paris. Se eu tivesse que falsear em favor do Brasil, não hesitaria em mentir duas vezes", afirmou.